

DOSSIÊ TEMÁTICO: SOCIOLINGUÍSTICA E INTERFACES NA DIVERSIDADE
BRASILEIRA



LETRAMENTOS DIGITAIS NA FORMAÇÃO INICIAL DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

DIGITAL LITERACIES IN THE INITIAL STUDENT' EDUCATION IN A PEDAGOGY MAJOR

Jandira Azevedo da SILVA

Universidade de Brasília (UnB)

E-mail: jandaazevedo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8381-0695>

Rosineide Magalhães de SOUSA

Universidade de Brasília (UnB)

E-mail: rosimaga@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7588-4224>

23

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa que envolveu estudantes em formação inicial de Pedagogia – disciplina “Informática e Comunicação Pedagógica” – ofertada na Faculdade de Educação (FE), da Universidade de Brasília (UnB), no primeiro semestre de 2021. Foi ministrada em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA's), utilizando redes sociais, tais como: *Facebook*, *YouTube* e *WhatsApp*. O artigo objetiva obter informações sobre a funcionalidade das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), na efetivação dos letramentos digitais dos estudantes alvos do estudo. Ele insere-se nos princípios da pesquisa qualitativa (KOZINETTS, 2014). O trabalho faz um levantamento das informações básicas para que seja possível compreender melhor qual é o seu público alvo, bem como do seu entendimento acerca dos temas propostos para investigação. A pesquisa expõe um Protocolo de Pesquisa, no qual são especificadas as estratégias e a metodologia adotadas em seu desenvolvimento. Seu corpus de análise é composto pelas observações dos AVA's nos quais foram realizadas as aulas para a turma, pelos comentários e pelas produções acadêmicas dos estudantes. O artigo demonstra estratégias de abordagens metodológicas como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) na página inicial do *Google Forms*. As investigações deste trabalho ampliam os estudos no âmbito da pesquisa qualitativa mediada pela internet e descreve os ambientes virtuais de aprendizagem como recursos valiosos nos processos de ensino e de aprendizagem. O estudante que concordasse em participar da pesquisa deveria avançar para a próxima

página, na qual havia um questionário composto por dez perguntas abertas e fechadas, apresentado a uma população de 18 estudantes, dos quais 06 responderam-no.

Palavras-chave: Ambientes virtuais de aprendizagem. Redes sociais. Tecnologias digitais. Letramentos digitais. Pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

This article demonstrates one research that involved undergraduate students of Pedagogy in the course “Informatics and Pedagogical Communication” – offered by the College of Education (FE), at University of Brasília (UnB), in the first semester of 2021. This course was taught in virtual environments (AVA's), using social networks, such as: Facebook, YouTube and WhatsApp. The article aimed to obtain information about of the functionality of the Digital Information and Communication Technologies (TDIC), in the effectiveness of the digital literacies of the students that participated in the study. This research is inserted in the qualitative research principles (KOZINETES, 2014). As we carried out a survey, we required basic information so that it was possible to better understand who the target audience was, as well as their understanding of the proposed topics for investigation. We elaborated a Research Protocol, in which the strategies and methodology adopted in its development were specified. The research corpus of analysis was composed of the observations of the AVA's interactions, in which the classes were held, the comments and the academic productions of the students. The Informed Consent Form (TCLE) was made available online on the home page of Google Forms. The investigations of this work expand the studies in the scope of qualitative research mediated by the internet and describe the virtual learning environments as valuable resources in the teaching and learning processes

The student who agreed to participate in the research should advance to the next page, which had a questionnaire with ten questions, that could be for them to write or to choose an option only, when presented to a population of 18 students, of which 06 answered it.

Keywords: Virtual learning environments. Social media. Digital technologies. Digital literacy. Qualitative research.

INTRODUÇÃO

O contexto da educação, como um todo, tem passado por transformações, desafios e crises. Essas transformações são provenientes de um mundo globalizado e impulsionado principalmente pelos avanços advindos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), as quais impactam as relações sociais, as formas de se relacionar com amigos e família, por produzirem uma gama variada de se realizar os processos de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Em meio a esse dinâmico cenário, encontrava-se ainda na época da realização da pesquisa que deu origem a este artigo as crises de âmbito mundial decorrentes da pandemia proveniente do Novo Coronavírus (Covid-19), “causada pelo agente etiológico nomeado SARS-CoV-2, a qual surgiu, inicialmente, na China, em novembro de 2019 e se espalhou pelo país e pelo mundo” (Castaman; Rodrigues, 2020, p. 03). Assim, houve a necessidade de se realizar as aulas em ambientes virtuais de aprendizagem os AVA’s, para dar continuidade ao processo educacional. Nesse cenário, outras estratégias surgiram, como a utilização das redes sociais diversificadas, como o *Facebook*, o *YouTube* e o *Whatsapp*.

Com base nas pesquisas sobre essas redes, obteve-se informações de que no mundo globalizado em que vivemos, elas estão no rol das ferramentas capazes de criar novas maneiras de se comunicar, de pesquisar e de aprender. Há uma gama variada delas, dentre as quais destacamos: o *LinkedIn*, em que se publica o currículo profissional em círculos de amizade pré-concebidos, para que se obtenha sucesso na carreira. O *Instagram*, que tem como foco a publicação de fotos. O *Whatsapp*, aplicativo de mensagens instantâneas, em que há possibilidade de compartilhamento de vídeos, mensagens de voz e de texto (SOUZA; SÁ, 2016), além do *Facebook* e do *YouTube*. As três últimas redes mencionadas, serviram de sala de aula aos estudantes pesquisados, conseqüentemente, funcionaram como fontes propulsoras de seus letramentos digitais.

De acordo com Kleiman (2014), nos letramentos digitais o texto ou hipertexto tem uma organização em que a linguagem verbal, a imagem e o som têm um papel importante na significação que exige uma leitura, na qual o próprio leitor define quais elementos ler, em qual ordem, seja ele altamente proficiente ou iniciante no processo de aquisição da língua escrita. Devido essa modalidade de letramento se configurar

como imprescindível ao processo de ensino e aprendizagem mediado pela Internet, ela dará sustentação ao estudo.

O artigo foi estruturado em cinco seções: a primeira apresenta os procedimentos metodológicos que o delinearão; a segunda reflete sobre educação em tempos de pandemia; a terceira traça um panorama sobre as redes sociais utilizadas para a realização das aulas; a quarta discorre acerca dos pressupostos dos letramentos; e a quinta demonstra os dados e suas discussões.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – O CONTEXTO INVESTIGADO

26

O estudo desenvolvido para a elaboração deste artigo insere-se nos princípios da pesquisa qualitativa por tratar-se de uma modalidade de investigação que não se preocupa com a representatividade numérica de participantes, mas com a interpretação dos dados gerados durante sua realização, que segundo Kozinets (2014), em um campo novo e em constante transformação como o dos estudos da internet, técnicas qualitativas podem ajudar a desenhar (ou redesenhar) o mapa de um terreno novo ou em rápida transformação.

Uma informação importante, é a de que os dados qualitativos se referem às crenças dos participantes, no tocante ao uso das ferramentas tecnológicas utilizadas durante as aulas. Sobre a adoção dessas ferramentas na educação, Herrera, Fernández e Seguel (2018) defendem que somente a pesquisa qualitativa outorga uma característica de investigação holística baseada na interpretação da realidade dos casos estudados por meio do emprego de categorias conceituais, e que permitem defender ou desafiar pressupostos teóricos e empíricos. Nessa direção, Arias e López (2014) enfatizam que o estudo efetivo de processos de ensino e aprendizagem mediados por tecnologias, não acontece se não há a busca conhecer por meio de investigações qualitativas os aspectos teóricos que os fundamentam, os quais elucidam os papéis que desempenham professores e alunos no ato educativo.

O contexto de realização da pesquisa ora apresentada compôs-se de estudantes da disciplina “Informática e Comunicação Pedagógica” do Curso de Graduação em Pedagogia – ministrada no primeiro semestre de 2021, na Faculdade de Educação (FE/UnB). Na pesquisa, foi incluído um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) na primeira página do aplicativo *Google Forms* com o objetivo de garantir a adesão dos participantes à investigação. O estudante que concordasse em participar

dela, deveria avançar para a próxima página, a fim de responder o questionário, composto por dez perguntas abertas e fechadas.

O estudo teve como etapas além das observações das redes sociais - onde foram realizadas as aulas para a turma - um Protocolo de Pesquisa, no qual foram especificadas as estratégias e a metodologia adotadas em seu desenvolvimento. Sua aplicação para os estudantes englobou a fase em que envolveu o contato deles com o questionário, sendo estipulado um prazo de duas semanas para que fosse respondido.

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA - DESAFIO AOS DOCENTES E AOS DISCENTES

27

Como é do conhecimento geral, no contexto da pandemia, tanto a educação básica quanto o ensino superior, necessitaram passar por adequação para continuar em funcionamento. A partir de 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de pandemia (GARCIA; DUARTE, 2020), ocorrendo desse modo, a suspensão das aulas presenciais, que desta data até o ano de 2022, passaram a ser ministradas de forma online. Com isso, a educação brasileira buscou adaptar-se à nova realidade, passando adotar o Ensino Remoto Emergencial (ERE), que consistiu em uma solução temporária de continuação de atividades pedagógicas, tendo como principal ferramenta de mediação a internet.

Contudo, é importante informar que o ERE não se confunde com o ensino à distância (EAD), já que em seu contexto o que foram adotadas eram apenas medidas paliativas para minimizar o impacto da suspensão das aulas presenciais nas instituições de ensino. Em resumo, a EAD refere-se a “uma modalidade planejada com apoio de tutores e recursos tecnológicos específicos, com funcionamento e concepção didático-pedagógica própria, abrangendo conteúdos, atividades, o processo avaliativo discente e questões de didática docente” (CÓ; AMORIM; FINARDI, 2020, p. 114). Ainda, o Decreto 9.057 de 2017, em seu Art. 1º, define a EaD:

Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017, Art. 1º).

No contexto do ERE, o problema foi tão grave que foi reconhecida a necessidade de se articular um estudo híbrido (aulas presenciais e atividades online), tendo em vista que na atual conjuntura política, econômica e social em que vivíamos, obtivemos informações de que ainda havia famílias e professores que não tinham acesso a recursos tecnológicos: computadores, celulares ou à internet com qualidade. Além do mais, diante desse contexto, ainda havia uma quantidade considerável de professores que não tinha familiaridade com as tecnologias digitais disponíveis na atualidade.

Essa situação já vinha sendo observada desde 2019, quando a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC 2019), divulgada em abril do ano citado anteriormente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), encontrou informação de que até a data da realização da pesquisa mencionada, uma em cada quatro pessoas no Brasil não tinha acesso à internet, representando em números cerca de 46 milhões de brasileiros.

Assim, na pandemia, houve um agravamento dessa situação. Até mesmo as escolas e as universidades foram surpreendidas e tiveram pouco tempo hábil para testar as ferramentas e tecnologias ou ministrar formação aos docentes e pessoal da administração, a fim de que pudesse oferecer um serviço de qualidade na modalidade de ERE. Nessa direção, o pensamento de Gallo (2008), se adequa ao contexto vivenciado, por entender que o que mais importava naquele momento não era vencer o caos, nem fugir dele, mas conviver com ele e dele tirar possibilidades criativas.

Todavia, para lidar com a necessidade de isolamento social, as instituições de ensino se viram obrigadas a adotar outras possibilidades de trabalho, sendo a forma mais comum o ERE. Nesse modelo de ensino, as pessoas migraram de uma condição de simples consumidores da grande mídia para produtores de mídias, ou seja, elas não só consumiam, como geravam conteúdo nas mais diversas plataformas, formatos, os quais podem conter histórias, sentimentos, emoções, visão de mundo, valores, sonhos – todos ensinam e todos aprendem, de várias maneiras, em diferentes momentos, em todos os lugares, conforme defendido por Moran (2015).

REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTAS DE APRENDIZAGEM

Nesta seção, são apresentadas as redes sociais nas quais foram realizadas as aulas para a turma do Curso de Pedagogia em investigação. A primeira trata-se do *Facebook*, que possibilita inúmeras oportunidades para o setor educacional, já

oferecem facilidades de comunicação, além de criação de comunidades de aprendizado, bem como a promoção da alfabetização exigida no século XXI. Essa plataforma multimídia, criada em 2004 por Mark Zuckerberg, consiste em uma rede com maior disponibilidade de recursos: fotos, vídeos, filmes, linha do tempo, chat, textos, links.

De acordo com Possolli, Nascimento e Silva (2015), um terço de seus usuários está entre 18 e 24 anos. O seu uso permite que eles formem grupos e troquem informações, consultem seus colegas e professores, “resolvam situações pedagógicas propostas, coloquem links para outras direções e/ou materiais, estabelecendo uma dinamicidade diferenciada do que se percebe na sala de aula presencial” (PEREIRA; ESPÍNDOLA; ALVES, 2013, p. 2).

A segunda diz respeito ao *Youtube*, que se refere a uma mídia social voltada ao compartilhamento de vídeos, lançado em 2005. Segundo Oliveira (2013), trata-se de uma rede social que apresenta inúmeros recursos que podem ser utilizados na área da educação, dentre os quais destacamos: a quantidade de informações disponíveis; a existência de programas educativos e documentários que podem auxiliar na compreensão de seus usuários; facilidade no acesso; disponibilização de informações de forma gratuita; é acessível para a realização de comentários dos vídeos, proporcionando desse modo, interação entre os estudantes.

A terceira refere-se ao *Whatsapp*, aplicativo em que os usuários relacionam-se com seus contatos em tempo real, compartilham fotos, vídeos, áudios, textos e imagens, obtendo resposta instantaneamente, conforme observa Almeida (2018). Para o autor, pelo *Whatsapp* é possível construir espaços de discussão sobre os mais diversos assuntos: trocas de experiências entre amigos, professores, colegas de trabalho e de estudo. Além disso, é visto como uma ferramenta que estimula as atividades de extensão que ultrapassam os limites da sala de aula e faz com que os estudantes não só assistam videoaulas, mas também criem os seus próprios conteúdos.

No tocante à formação inicial/continuada de professores, é imprescindível que se proporcione possibilidades diversas para que possam expandir seus conhecimentos e suas interpretações diante de situações nas quais eles (as) estão inseridos (as) e situados (as) (IMBERNON, 2011). Portanto:

Tem-se a sã consciência de que a tecnologia educativa tem potencialidades para contribuir com o avanço do processo educacional, uma vez que proporciona ensino personalizado, ensino

modular, ensino cooperativo, aprendizagem em rede, aprendizagem móvel, ensino híbrido, formação de professores, desenvolvimento de materiais didáticos interativos e de sistemas educativos voltados à exploração desses novos recursos (KENSKI; LACERDA SANTOS, 2019, p. 4).

Na ótica de Moran (2013, p. 9), “O mundo físico e o virtual não se opõem, mas se complementam, integram, combinam numa interação cada vez maior, contínua, inseparável”. Contudo, o mundo virtual apresenta uma série de vantagens em relação ao mundo físico, tais como: flexibilização do tempo; criação de novos espaços de ensino e aprendizagem; uso de novas formas de representação e comunicação; e novas relações com o conhecimento.

LETRAMENTOS DIGITAIS - IMPRESCINDÍVEIS A COMUNICAÇÕES MEDIADAS PELA INTERNET

Nesta seção, trataremos à tona discussões sobre letramentos digitais, modalidade de letramento que se faz presente em comunicações realizada na Internet. O termo letramento foi introduzido por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, dentre elas a linguística (KLEIMAN, 1995) e a educação (SOARES, 2003), e vem sendo utilizado para esclarecer diferentes níveis de aquisição da leitura e da escrita.

Em se tratando do letramento alfabético, é importante destacar que este assume dois níveis que denominaremos: letramento "fraco" – habilidades necessárias para que o indivíduo funcione adequadamente em um contexto social – e letramento "forte" – capacidade de usar a leitura e a escrita como meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la (VALENTE; ALMEIDA, 2001). De acordo com Street (2014), o letramento se configura ainda em dois enfoques: o autônomo, que se refere basicamente às habilidades individuais do sujeito, e o ideológico, que enfoca às práticas de leitura e escrita, relações de identidade, de poder e de sentido.

Em sua concepção, é necessário que se centre no modelo ideológico, por considerar a prática social constituinte dos princípios socialmente construídos, tendo em vista que os modos pelos quais as pessoas usam a leitura e a escrita estão diretamente ligados a concepções de conhecimento, identidade e modos de ser e de estar nas práticas sociais. Nesse modelo, as práticas de letramento são determinadas por características sócio históricas, ou seja, dependem do período e do local em que ocorrem, sendo que tais práticas trazem complexidades e possibilidades ao processo

de aprendizagem dos estudantes mediante formatos multimodais, como resposta à nova conjuntura social mediada pelas TIC, isto é, englobam uma gama diversificada do termo como os letramentos digitais, que são compreendidos como a aquisição de um conjunto de habilidades para ler, escrever e interagir com a mediação de equipamentos digitais (computador off e on-line e telefone celular). Assim,

[...] letramentos digitais não são tratados como modelos de letramento contrapostos aos tradicionais, mas como redes complexas e heterogêneas que conectam letramentos (práticas sociais), textos, sujeitos, meios e habilidades que se agenciam, entrelaçam, contestam e modificam mútua e continuamente, por meio, virtude ou influência das TICs (BUZATO, 2009, p. 22).

Na concepção de Souza (2007), os letramentos digitais podem ser classificados em dois tipos: definições restritas, as quais se subdividem em outras duas: a primeira não considera o contexto sociocultural, histórico e político que envolve-os, ou seja, é mais fechada em um uso meramente instrumental. A segunda define-os como uma série de habilidades que requer dos indivíduos reconhecer quando a informação se faz necessária e adquire a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação de forma precisa. Aquelas que se referem aos letramentos digitais amplos, ou seja, constituem-se como complexa série de valores, práticas e habilidades situadas social e culturalmente envolvidas em operar linguisticamente em contextos de ambientes eletrônicos, que incluem leitura, escrita e comunicação.

Assim, temos a convicção de que fazer bom uso dos recursos tecnológicos no processo de letramento, possibilita a reinvenção das ações e dos sujeitos a cada nova experiência, habilidades que, segundo Xavier (2005, p. 5), pressupõem proficiência e compreensão para usar os equipamentos, visto que o letramento digital “[...] traz consigo uma série de situações novas de comunicação nunca vividas antes da chegada das inovações tecnológicas computacionais”.

Na visão de Cardon (2005), quem faz uso das TDICs, apresenta um perfil que vai além de ser leitor ou receptor de uma tecnologia. Dessa forma, é “[...] fundamental que os professores insiram seus alunos na organização do trabalho pedagógico, a fim de motivarem o aprender a aprender mediado pela diversidade de recursos tecnológicos” (SILVA, 2011, p. 41). Assim, os cursos de formação de professores necessitam funcionar como espaços de efetivação e reverberação de outras práticas de leitura e escrita, visto

que é imprescindível se formar agentes de letramento que precisam se apropriar das novas formas de ler e escrever (KLEIMAN, 2007).

É relevante elucidar que para isso acontecer, o processo de ensino e aprendizagem necessita incorporar cada vez mais o uso dessas outras práticas de leitura e escrita, para que os estudantes e os educadores passem a manipular e aprender a ler, escrever e expressar-se usando as modalidades e os meios de comunicação disponíveis na atualidade.

[...] nesse processo de inovação de modelo de sociedade, a educação, como instituição que produz e reproduz a cultura, não poderá ficar à margem. Ainda que não goste da tecnologia, não há como negá-la, até porque sua função social primeira é garantir espaço para inovações que permitam aprendizagem de qualidade (ALVES, 2007, p.167).

Na visão de Castells (2020), a pandemia evidenciou o que já vinha ocorrendo, ou seja, já vivíamos na sociedade digital, ainda que não tivéssemos assumido isso. Ela apenas colocou a internet e suas funções em evidência, mostrando que essa ferramenta pode servir para se comunicar, para se relacionar e não apenas para se isolar ou alienar, mas para se conectar e aproximar virtualmente. Segundo ele, na Nova sociedade digital, não haverá retrocesso, uma vez que o novo normal não será o que se conhecia antes, mas passa assumir uma nova realidade que também é virtual.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, apresentaremos os resultados da pesquisa, os quais centraram-se nas observações das interações vivenciadas nas redes sociais onde foram realizadas as aulas para a turma, tais como: os comentários dos estudantes das postagens feita pelo professor da disciplina, de suas produções escritas e das respostas das entrevistas. Utilizamos trechos das falas dos participantes para complementar as discussões, que foram colocados em itálico para separá-los de nossos comentários. Os estudantes foram nomeados com nomes fictícios, para preservar suas identidades.

Em relação às idades dos discentes que responderam ao questionário, três tinham entre quinze e vinte anos. Dois tinham entre vinte e trinta anos. Um tinha entre trinta e quarenta anos, totalizando seis discentes respondentes. No tocante ao grupo Educação, Tecnologias e Comunicação (ETEC) disponível no *Facebook*, suas interações ocorreram predominantemente mediante comentários acerca das publicações

postadas pelo professor. Isso aponta que mesmo ocorrendo esporadicamente, percebemos que houve prática de interação escrita no face, acontecendo desse modo, a ocorrência do letramento digital.

Além disso, eles se valeram do significado sonoro: “Comunicação que usa música, sons ambientes, ruídos, alertas – significando interação social [...]” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 183), no momento de suas apresentações pessoais. Sobre os vídeos disponibilizados no canal do *YouTube* pelo professor, não identificamos nenhum registro escrito dos estudantes. Já no *WhatsApp*, ocorreram mais frequentemente, mediante suas produções escritas.

Ao serem questionados sobre suas principais dificuldades com as aulas online, duas estudantes demonstraram insegurança sobre o primeiro contato com esse formato de aula. Uma delas teve seu psicológico abalado pelo fato de, na infância, nunca ter tido acesso direto à internet, apenas durante a pandemia que ela estava aprendendo. Foi o momento também que conseguiu seu primeiro computador. Isso demonstra que o novo, o desconhecido, sempre desencadeia insegurança, que poderá ser superada à medida que passamos a conhecer melhor esses recursos.

A respeito da mesma questão, três estudantes mencionaram as dificuldades em se adaptar às redes sociais e aos métodos de ensino, enquanto que um estudante aponta a necessidade de melhor organização pessoal, bem como autodisciplina. Em toda situação nova, há necessidade de adaptação e foco de seus participantes para que possam interagir de forma precisa com as novas ferramentas disponíveis, como foi o caso das aulas em ERE.

Ao serem indagados sobre suas interações com as ferramentas digitais antes de ingressarem na universidade, todos afirmaram terem tido acesso à tecnologia, mas que nem sempre a utilizavam para fins acadêmicos, conforme observamos nas falas abaixo:

Liz: Como falei na primeira pergunta, eu tive acesso as plataformas do celular, logo depois do computador, muitas vezes ia para a biblioteca da minha cidade ter acesso aos computadores, também tive curso de informática, mas como não tinha computador em casa não consegui memorizar muitas coisas. Franco: Diariamente, porém não era focada para os estudos. Mary: Utilizava as ferramentas digitais apenas como um recurso para distração, como as redes sociais e jogos, como uma ferramenta pedagógica, utilizei no máximo durante meu último ano na escola para fazer atividades e assistir aulas. Analu: Sempre foi fácil, porém com poucas condições materiais (ENTREVISTA / questionário digital / 20/09/2021).

As respostas de dois estudantes demonstraram que suas dificuldades foram causadas principalmente pela falta de acesso ao computador durante sua vida acadêmica. Ao passo que os outros dois, pelo fato de priorizarem a parte lúdica da tecnologia. Além disso, em meio a gama variada de plataformas que eles tiveram que utilizar durante o ERE, é óbvio que a interatividade com tais plataformas acontecesse de forma paulatina, ou não acontecesse de fato.

Ao serem questionados acerca do estudo realizado no ERE, uma das respostas não ficou clara. Três estudantes encaravam de forma positiva essa modalidade de ensino que, apesar de dificultar a interação face a face (BAKITHIN, 2012), trazia maior comodidade, no que tange à não necessidade de deslocar-se, podendo assim, por exemplo, residir em determinada cidade e estudar em outra remotamente, como especificado nas falas abaixo.

Júlia: Interessante, mas é um pouco difícil de você se organizar, já que cada matéria nesse semestre usa uma plataforma diferente da outra, mas flui. Liz: Eu estou amando, mais fácil do que ir pra faculdade, consigo aprender muito mais. Franco: Muito prático, possibilita a aprendizagem em qualquer espaço, a qualquer momento. Roberto: Para conseguir conciliar trabalho e estudo, está se mostrando super necessário (ENTREVISTA / questionário digital / 20/09/2021).

Como ficou especificado nas respostas dos estudantes, metade deles apresentou pontos positivo. Um estudante demonstrou meio termo em sua resposta. Dois deles viam as aulas online de forma negativa, como verificamos nas falas abaixo:

Mary: [...] mais difícil de ter concentração durante as aulas. Analu: É um pouco difícil se adaptar [...] (ENTREVISTA / questionário digital / 20/09/2021).

Apesar de estarem convivendo com uma situação nova, três estudantes demonstraram certa tranquilidade com as aulas em ERE. Uma apresentou meio termo e dois afirmaram que era difícil. A adaptação a toda realidade nova, na maioria das vezes acontece de forma paulatina e em alguns casos, poderá nem acontecer.

Em relação ao questionamento sobre o cansaço mental em ambiente virtual, cinco estudantes disseram que as aulas remotas demandavam maior esforço mental, argumentos contidos nas falas abaixo:

Liz: [...] pra mim é mais cansativo eu foco muito quando estou de forma remota, diferentemente, do presencial que consigo ter interatividade com o corpo. Analu) [...] ficar horas em frente às telas é muito exaustivo. Júlia: Porque demanda mais tempo. Ficar mais de quatro horas sentada em uma cadeira e as vezes ainda estrapola o horário. Mary: Sim, porque quando estamos na sala de aula, apesar de ter algumas distrações, o ambiente de ensino faz você ficar mais centrado no que o professor está passando, mas em casa esses distratares são maiores, então acaba gerando um cansaço maior. Roberto: Sim, pelo fato de que estando em casa, automaticamente entramos no modo relax, o que pra mim, amplia a sensação de esgotamento pelo dia de trabalho. Porém nos demais momentos em que possamos utilizá-las, se apresenta como solução para a correria do dia a dia. (ENTREVISTA / questionário digital / 20/09/2021).

Ainda nessa questão, um estudante afirmou não ser cansativo estudar de forma remota, conforme fala abaixo:

Franco: Não. Pois no ambiente escolar presencial não podemos buscar coisas novas, é sempre a mesma coisa, tornando o ensino algo cansativo (ENTREVISTA / questionário digital / 20/09/2021).

Neste incerto, a maioria das respostas demonstrou que a interação face a face produz uma maior interatividade entre os estudantes, já que estudar de forma remota trazia, além de cansaço mental, também desvio de atenção, pois como sabemos, nem sempre os estudantes contavam com ambientes adequados para assistirem aulas de maneira silenciosa, o que poderia desencadear dificuldades para assimilar os conteúdos ministrados. Ao passo que apenas uma das respostas demonstrou não ser cansativo estudar de forma remota e que o ERE trazia inovações no ensino.

No tocante à familiaridade com as plataformas utilizadas nas aulas, todos os estudantes disseram que já as utilizavam antes de ingressar na universidade, sendo que um deles especificou que usava as redes sociais apenas de modo superficial. É óbvio que, em um mundo globalizado em que vivemos, o conhecimento de plataformas digitais se faça presente nas vidas das pessoas, mesmo que de forma menos acadêmica.

Sobre o conhecimento do termo “Tecnologia Assistiva”¹, cinco estudantes nunca tinham ouvido falar em tal termo. Apenas uma participante afirmou conhecê-lo, informação contida na fala abaixo.

¹ Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou

Júlia: Sim, narração nos aplicativos e próprio do Android (ENTREVISTA / questionário digital / 20/09/2021).

Tal fato demonstra que ainda há muita falta de informação a respeito da acessibilidade às pessoas com deficiência visual, a qual depende de esforços da sociedade para acontecer e essa desinformação poderá dificultar o avanço no processo de educação inclusiva dessas pessoas.

Ao serem interrogados se durante sua vida escolar já tinham tido contato com algum colega com deficiência visual, todos disseram que não. Uma delas relata em sua fala:

Liz: Não. Uma vez eu vi um vídeo no Instagram, que era um pai com deficiência visual com sua filha pequena, mais ou menos 2 anos, a mãe conta que ele tinha muito medo da filha não se acostumar com essa "diferença" entre eles, mas a filha além de amar ele, onde eles dois iam ela estava ajudando, a encontra o copo, tomar cuidado com a parede, a falar o que passava na televisão, com dois aninhos acredita? Nesse sentido, eu faria a mesma coisa, dentro de uma sala de aula criar uma estratégia e uma consciência nas crianças, que elas sempre estariam ajudando, incluído eles, faria atividades adaptativas, mas de forma que ele não sentisse diferente dos outros (ENTREVISTA / questionário digital / 20/09/2021).

Aqui percebemos que grande parte das respostas dos estudantes desencadearam preocupação, uma vez que notamos a escassez de estudantes com deficiência visual na rede regular de ensino onde eles estudaram, acontecendo ao invés da inclusão, a exclusão desses estudantes. A resposta que afirma ter visto um vídeo apenas no *Instagram*, também desencadeia preocupação, pois demonstrou que ainda há muita falta de informações sobre esses estudantes, fato que dificulta sua real inclusão no sistema educacional, enfim, na sociedade da qual fazem parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa apresentada demonstram que o uso consciente e planejado das redes sociais (*Facebook, YouTube e Whatsapp*) contribuem com a aquisição dos letramentos digitais dos estudantes. Durante sua aplicação, evidenciamos que tais plataformas contam com recursos pedagógicos capazes de

mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2020).

auxiliar na produção de aprendizagens significativas, ou seja, podem ser usadas como ambientes virtuais de aprendizagem, por apresentarem ferramentas semelhantes a um ambiente de estudos institucionalizado. Além disso, oferecem vantagens àqueles que utilizarem-as para fins pedagógicos, por propiciarem ampliação do espaço/tempo de sala de aula, possibilitando dessa forma, que os estudantes façam atividades síncronas e assíncronas e assim colaborem para que os professores aumentem as suas propostas de trabalho.

Desta feita, os ambientes virtuais se adequam às possibilidades de atividades acadêmicas, muitas delas já sendo propostas pela própria rede social e outras podendo ser agregadas posteriormente. Uma vantagem que percebemos durante as observações das aulas, centra-se no fato de que as notificações tornam-se mais constantes que as de um ambiente de aprendizagem institucionalizado, já que toda vez que um membro do grupo visualiza, comenta, curte ou publica algo, todos os integrantes automaticamente são avisados. Tal fenômeno faz com que os estudantes sejam lembrados de seus deveres acadêmicos e se envolvam mais com as atividades, principalmente no que diz respeito ao cumprimento de prazos.

Além do mais, o uso das redes sociais no meio educativo permite que as relações professor-estudante sejam modificadas, ocorrendo assim, o processo de aproximação entre eles. Portanto, durante a realização da pesquisa que deu origem a este artigo, notamos que aconteceu uma postura comunicativa entre seus participantes que, apesar da pouca ocorrência dos letramentos digitais, eles se fizeram presentes. Ademais, tal fato avançou significativamente no *Whatsapp*, uma vez que tanto as escritas (reflexões dos estudantes), quanto as publicações audiovisuais (vídeos e fotos postados), desencadearam uma maior interatividade entre eles, os pesquisadores e o professor da disciplina.

A contextualização do artigo nos princípios da pesquisa qualitativa foi relevante, visto que tanto no campo da Educação como no campo das Tecnologias, há uma preocupação com o processo educativo e não com o resultado em si (KENSKI; LACERDA SANTOS, 2019), pois nessa modalidade de pesquisa buscamos uma compreensão integralizada, a fim de se ligar as atitudes e as situações na formação, dando lugar às representações das experiências e das palavras.

Embora os estudantes apontassem em suas respostas alguns pontos negativos acerca do ensino realizado em ERE, o objetivo do estudo foi alcançado, pois as redes

sociais utilizadas como suporte para as aulas, forneceram ferramentas que contribuíram com sua realização. Além disso, proporcionaram interatividade entre os estudantes e o professor e entre estes e os pesquisadores, bem como o acesso aos conteúdos propostos de forma precisa.

Contudo, duas informações presentes nas respostas dos participantes da pesquisa ainda desencadeiam preocupação e merecem mais estudos: a ausência de estudantes com deficiência visual nas escolas onde os estudantes alvos da pesquisa estudaram e o desconhecimento da maioria deles do termo tecnologia assistiva. Assim, concluímos que os estudantes, inclusive os com deficiência, necessitam de maior formação e amparo em relação às TICs no processo educacional; assim como os recursos tecnológicos aplicados à educação precisam ser mais conhecidos, investigados em seu papel de transformação, promovendo o protagonismo nas relações sociais e nas práticas de letramento digital.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. L. **O aplicativo whatsapp como ferramenta didática na Educação Científica do Colégio Estadual Antônio Figueiredo em Ibiassucê-BA**. Universidade do Estado da Bahia, 2018.

ALVES, A. C. T. P. EaD e a formação de formadores. In: VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B. (Orgs). **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp. 2007.

ARIAS, V.; LÓPES, S. Y. **Las TIC em la educación en ciencias em Colombia**: una mirada al estado actual de la investigación em la línea y a su contribución a los propósitos de la educación em ciencias. Buenos Aires (Argentina): Anais do Congresso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología, Innovación y Educación, 2014.

BRASIL. **Resumo Técnico do Censo da Educação Básica 2020**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/resumo-tecnico-do-censo-da-educacao-basica-2020>. Acesso em 06 de setembro de 2023.

BUZATO, M. E. K. **Letramento e inclusão: do estado-nação à era das TIC**. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, vol. 25, n. 1, p. 1-38, 2009.

CARDON, D. A inovação pelo uso. In: AMBROSI, A.; PEUGEOT, V.; PIMIENTA, D. (coord.). **Desafios de Palavras**: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação. Caen-France: C & F Éditions, 2005.

CASTAMAN, A. S.; RODRIGUES, R. A. Educação a Distância na crise COVID - 19: um relato de experiência. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 9, n. 6, p. 1-26, 23 abr. 2020.

CASTELLS, M. O digital é o novo normal. **Fronteiras**. mai. de 2020. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/o-digital-e-o-novo-normal>. Acesso em 06 de setembro de 2023.

CÓ, E. P.; AMORIM, G. B.; FINARDI, K. R. Ensino de Línguas em Tempos de Pandemia: Experiências com tecnologias em ambientes virtuais. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 3, p. 112-140, 2020.

GALLO, S. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GARCIA, L. P., DUARTE, E. **Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil**. Epidemiologia e Serviços de Saúde, 29(2), 2020.

HERRERA, M. A., FERNÁNDEZ, D. C. E SEGUÉL, R. C. Percepción de los profesores sobre integración de TIC en las prácticas de enseñanza en relación con los marcos normativos para la profesión docente en Chile. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.26, n. 98, p. 163-184, jan./mar., 2018.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KENSKI, V. M.; LACERDA SANTOS, G. **A pesquisa sobre tecnologia Educativa na América Latina: do tecnicismo ao humanismo**. Dicionário Oxford de Educação, 2019.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez. 2007.

KLEIMAN, A. B. Letramento na contemporaneidade. **Bakhtiniana**, v. 9, n. 2, pág. 72-91, 2014.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Tradução: Daniel Bueno. – Porto Alegre: Penso, 2014.

MORAN, J. M. A integração das tecnologias na educação. In: MORAN, J. M. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5 ed. Campinas: Papyrus, 2013.

MORAN, J. M. Mudando a educação com metodologias ativas. In: **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Coleção Mídias Contemporâneas, 2015.

Jandira Azevedo da SILVA; Rosineide Magalhães de SOUSA. LETRAMENTOS DIGITAIS NA FORMAÇÃO INICIAL DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA. JNT - Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE NOVEMBRO. Ed. 47. VOL. 03. Págs. 23-40. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdadefacit.edu.br.

OLIVEIRA, D. S. O uso Do vídeo Em EAD: desafios No processo De ensino e aprendizagem. **Revista Cesuca Virtual: Conhecimento Sem Fronteiras**, v.1, n. 1, jul, 2013.

PEREIRA, A. M. A; ESPÍNDOLA, J.; ALVES, T. P. Grupos fechados na rede social Facebook: um estudo no âmbito da comunicação e do apoio acadêmico. In: 5º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação; 1º colóquio Internacional de Educação com Tecnologias. Aprendizagem móvel dentro e fora das escolas. **Anais Eletrônicos**, 2013

POSSOLLI, G. E.; NASCIMENTO, G. L.; SILVA, J. O. M. A utilização do Facebook no contexto acadêmico: o perfil de utilização e as contribuições pedagógicas e para educação em saúde. **RENOTE – Revista Novas Tecnologias na Educação**. v. 13. nº 1. Julho, 2015.

SILVA, I. M. M. Tecnologias e letramento digital: navegando rumo aos desafios. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 27-43, jul./dez. 2011.

SOARES, M. B. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B. As Tecnologias Digitais e os Diferentes Letramentos. Ano IV, n. 15. **As diferentes dimensões do aprender**, nov. 2000/ jan. 2001.

XAVIER, A. C. S. Letramento digital e ensino. 2005. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (org.). **Alfabetização e Letramento**: conceitos e relações, v. 1. p. 133-148. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.